

## PROCESSOS E PRÁTICAS ARTESÃS POR UMA PERSPECTIVA COMPLEXA: CONTROVÉRSIAS E INTERESSES A PARTIR DA BANANICULTURA

Marcelo de Seixas Martins<sup>1</sup>  
Adilson da Silva Mello<sup>2</sup>  
Carlos Alberto Máximo Pimenta<sup>3</sup>

**Resumo:** Propõe-se a reflexão acerca da relação desenvolvimento e tecnologias a partir de valores culturais. Entende-se que a discussão sobre o uso da técnica e tecnologias, assim como as práticas e processos adotados para seu desenvolvimento, estão no campo da cultura, no qual estão incorporadas questões vinculadas ao imaginário e à noção de trabalho em diferentes modos: nas práticas, no ser, no sentir, no pensar e no saber-fazer. Diante disso, realizou-se pesquisa sobre as práticas e os processos organizativos adotados por uma família que compõe uma associação de artesãos que tem na bananicultura sua principal fonte de matéria-prima, refletindo, a partir das relações de interesses e intencionalidades que a compõem, sobre suas dimensões políticas, socioeconômicas e socioculturais a partir dos pressupostos da Teoria Ator-Rede. Desta perspectiva, pretende-se revelar representações alternativas de práticas e processos organizativos, no que se refere a condutas, técnicas e tecnologias, pensando possibilidades de mudanças sociais a partir da experiência popular artesã, na existência de objetos técnicos, nas dimensões do humano, do não-humano, do material e do imaterial traduzidos nessas experiências.

**Palavras-chave:** Artefatos, tecnologias; processos, artesanato, desenvolvimento.

Este trabalho é parte do projeto de pesquisa desenvolvido no programa de pós-graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade da Universidade Federal de Itajubá. Trata-se de pesquisa empírica sobre a relação desenvolvimento e tecnologias a partir de valores culturais, circunscrito as concepções de desenvolvimento social e de sustentabilidade, a partir de pesquisa realizada junto a uma associação de artesãos, situada no bairro do Quilombo, no município de São Bento do Sapucaí, interior do estado de São Paulo.

---

<sup>1</sup> Mestrando do programa de pós-graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI); bolsista da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Endereço eletrônico: marcelodeseixas@outlook.com

<sup>2</sup> Mestre em Ciências da Religião e Doutor em Ciências Sociais pela PUC/SP; pesquisador permanente do programa de pós-graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI). Endereço eletrônico: prof.adilsonmello@gmail.com

<sup>3</sup> Mestre e Doutor em Ciências Sociais pela PUC/SP; pesquisador permanente do Programa de pós-graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI). Endereço eletrônico: carlosalbertopimenta@gmail.com; carlospimenta@unifei.edu.br.

Partirmos do pressuposto de que o uso da técnica, tecnologias e sociabilidades está no campo da cultura, onde estão incorporadas questões vinculadas ao imaginário e à noção de trabalho em diferentes modos: nas práticas, no ser, no sentir, no pensar e no saber-fazer. No campo da cultura, é possível que se deixe emergir subjetividades, sociabilidades e solidariedades integradas à construção e apropriação de múltiplos significados simbólicos e identitários que aprontam sentidos à vida (PIMENTA; MELLO, 2014).

A partir deste ponto que a reflexão sobre os saberes-fazer adotados por uma família de artesãos, membros da associação, na qual estão relacionadas questões vinculadas ao imaginário, as relações entre o humano e o não-humano e a noção de trabalho em diferentes modos, traduzidos em práticas, processos, métodos, expressões, estilos de vida, artefatos e artesanatos a partir dos processos de geração de renda, expõe aspectos socioeconômicos e socioculturais da região e passa a ser o *locus* de pesquisa, abrindo espaço para o seguinte questionamento: Dentro de um contexto local, como se compõe o desenvolvimento dos saberes-fazer adotados por uma família de artesãos, membros de uma associação que tem na bananicultura sua principal fonte de matéria-prima, no que tange as relações de interesses e intencionalidades? A partir desse questionamento, espera-se revelar papéis e possibilidades de mudanças sociais a partir da experiência popular artesã, no que se refere a práticas e processos organizativos, na existência de objetos técnicos, nas dimensões do humano, do não-humano, do material e do imaterial traduzidos nessas experiências.

Durante as observações realizadas junto a família de artesãos, busca-se que os atores sociais tenham liberdade para expor seus sentimentos, pontos de vista, sugestões e histórias sobre o saber-fazer adotado e as relações que perpassam o passado e presente da família, da associação e do bairro. É necessário expor que a partir de uma abordagem aberta, revelam-se as mais íntimas impressões do pesquisador traduzidas a partir de uma visão de mundo que traz consigo influências ideológicas e culturais que tensionam o olhar e a compreensão. Segundo Venturini (2010a), uma pesquisa nunca é imparcial, os pontos de vista são um panorama das paisagens sociais e nenhuma observação pode escapar da origem.

As intervenções realizadas durante a pesquisa de campo buscam alimentar as relações e o diálogo afim de compreender e de caminhar da forma mais natural possível às respostas que também são guias, de forma alguma pretendendo induzir a resposta ou conduzir as conversas. Buscou-se registrar como os objetos são feitos, qual a técnica utilizada, a origem do ensinamento, como se adquire a matéria prima, o modo de organização e de produção, enfim, o significado e o sentido da atividade e das relações que a permeiam para a vida social e cultural do indivíduo. A partir do contato inicial foi observado que a utilização de aparelhos eletrônicos para captação das conversas causaria desconforto e intimidaria os atores sociais a exporem seus sentimentos e impressões, por isso, optou-se pela transcrição das conversas em caderno de campo logo após a realização dos diálogos e a utilização do aparelho celular se restringiu a captura de imagens dos artesãos em seus processos de produção e de seus artefatos.

Em maio de 2019 iniciou-se o contato com os artesãos associados no ateliê onde são comercializados os objetos. A partir do contato inicial no ateliê, fomos convidados por um membro da família de artesãos e da associação a visitar seus domicílios e espaços onde o artesanato é produzido, estabelecendo relação de confiança e proximidade entre o pesquisador e os atores sociais e de onde se originaram as conversas e observações de campo.

Nesta imersão aos espaços de vivência do artesão, onde estão expostos através de objetos técnicos e simbólicos aspectos relacionados ao modo de vida, as relações e a cultura local, vislumbra-se identificar significados que aprontam sentidos aos modos de saber-fazer e de se organizar tanto do indivíduo quanto do pequeno grupo parte de uma associação de artesãos. Dentro desse contexto é que se pretende identificar representações ao uso de técnicas e tecnologias e perspectivas sobre o desenvolvimento, para além das questões estritamente econômicas.

### **A história da família do bairro do Quilombo e suas relações com as práticas artesãs**

A pesquisa foi realizada à luz da Teoria Ator-Rede (1997; 2012; 2016) e da Cartografia das Controvérsias (2009; 2010a; 2010b), uma versão didática da Teoria

Ator-Rede para a investigação da complexidade social. A investigação se dá através da revelação de interesses e controvérsias que envolvem todo tipo de atores, não apenas seres humanos, mas também elementos naturais e biológicos, objetos industriais e artísticos, instituições, artefatos científicos e técnicos entre outros, o que não significa que todos os atores sejam iguais ou tenham a mesma influência sobre a rede. Nesse contexto, os cartógrafos sociais são convidados a enfrentar a mais alta complexidade sem a menor simplificação (VENTURINI, 2010a).

O estudo parte da compreensão de que os fenômenos sociais devem ser compreendidos a partir de uma perspectiva complexa, conforme apontam Morin (2005) e Latour (2012), ao se entender que os fenômenos sociais são compostos por dimensões diversas, e, portanto, tanto as instâncias artesão e artesanato devem ser compreendidas a partir de sua multidimensionalidade, sendo compostas de diversidade, desordem, controvérsias e incertezas, quanto as perspectivas sobre o desenvolvimento, desatrelando-a do entendimento de progresso, como algo linear, coeso, irreversível e único, para uma perspectiva onde esta ideia é composta de elementos que estão relacionados ao universo físico, biológico, sociológico e antropológico e não somente por diretrizes econômicas.

A partir da proposta da Teoria Ator-Rede (2012), foram coletados dados durante cinco encontros junto a uma família de artesãos, membros de uma associação de artesãos do bairro do Quilombo, em São Bento do Sapucaí. Três entrevistas foram realizadas com a Nilza<sup>4</sup>, uma das noras da matriarca da família, Dona Tereza. As entrevistas realizadas com a Nilza ocorreram no galpão onde são comercializados os produtos e em sua própria casa, onde é seu ateliê próprio. Ela foi a responsável por nos apresentar a outros quatro integrantes da família e foi a pessoa que mais nos forneceu informações sobre a estrutura familiar. As entrevistas com os outros integrantes da família ocorreram em suas próprias residências, onde também funcionam seus respectivos ateliês. A família vive em um mesmo terreno em que se dividem em três diferentes residências. Em todas as ocasiões realizou-se conversas seguindo roteiro pré estruturado, onde os artesãos eram estimulados a expor suas opiniões e pontos de vista sobre determinados aspectos da produção artesanal, tendo total liberdade para se

---

<sup>4</sup> Todos os nomes apresentados no decorrer do texto são fictícios. Tal medida foi adotada visando manter a identidade dos atores preservada, bem como facilitar a leitura e visualização da rede de atores.

expressar sobre os mais variados pontos, revelando seus sentimentos e impressões sobre os significados do saber-fazer artesanal, da associação em que fazem parte e das relações que a compõem. Além disso, como alguns deles produziam seus objetos enquanto conversavam, foi possível acompanhar os processos de produção artesanal realizando registros fotográficos feitos por um celular.

A família é constituída a partir da matriarca Dona Tereza e de seu esposo, o já falecido Seu João. Dona Tereza e Seu João tiveram seis filhos, João, Marcos, Maria, Joana, Fernando e um deles já falecido. Seu João era artesão e fazia seu artesanato à base de madeira, e foi através da carpintaria, trabalhando em São Paulo, que sustentou seus filhos e possibilitou que alguns deles estudassem. Enquanto seu marido vivia em São Paulo, Dona Tereza se atinha aos afazeres como dona de casa e ao artesanato que desenvolveu a partir da utilização da palha e da fibra de bananeira, extraída do bananal do próprio quintal. A matéria prima base utilizada para a produção artesanal da família é a palha de bananeira. No início a palha de bananeira era extraída do bananal do próprio quintal, porém, com o aperfeiçoamento dos artesanatos e o aumento da comercialização, passou a ser extraída ou comprada de plantações de outros produtores da cidade.

Segundo relatado por ela e alguns moradores do bairro do Quilombo, o bairro contém desde a muito tempo a cultura de apropriação de elementos encontrados na natureza para a produção de artesanatos, essa cultura fez com que muitos moradores desenvolvessem o saber-fazer artesão, que é passado de geração em geração, família em família.

Segundo Dona Tereza, quando iniciou sua produção artesanal, muitos moradores do bairro não acreditavam que seu artesanato poderia ser comercializado. Pois foi ela uma das precursoras na comercialização do artesanato produzido, depois de muitas tentativas de vendas nos mais diferentes lugares e oportunidades. Foi através de sua insistência que os primeiros passos nesse sentido foram dados, o que permitiu mais tarde a criação da associação de artesãos, onde hoje ela e muitos moradores do bairro fazem parte, e a construção do galpão onde hoje são comercializados os artesanatos. Foi ela também a responsável por transferir o conhecimento sobre o fazer artesanal dentro de sua família.

João, um dos filhos do casal, casou-se com Nilza. João não se ateuve a prática artesã por trabalhar fora<sup>5</sup>, enquanto Nilza aprendeu com Dona Tereza como fazer tranças de palha de bananeira e através delas desenvolver seu saber-fazer artesão. No primeiro encontro que tivemos com a Nilza ela estava no galpão onde hoje são comercializados os artesanatos produzidos no bairro. Estava fazendo flores de palha de milho e nos mostrou seu artesanato, como extrai e corta a palha de milho e como o faz. Nilza iniciou seu fazer artesanal com as tranças de palha de bananeira que aprendeu com Dona Tereza, porém, após um curso oferecido pelo SENAR<sup>6</sup> aos moradores do bairro, aprendeu a fazer flores a partir da palha de milho e optou por esta prática artesã “porque sempre quis fazer esse tipo de artesanato”. Também produz imãs de geladeira o que disse ser seu carro chefe, pois vende muito pela facilidade de comercialização (tamanho, preço e procura). O imã é feito de uma pequena esteira (palha de bananeira) e das flores de palha de milho. A palha em que utiliza para produção, é, segundo ela, comprada de produtores locais uma vez por ano e estocada.

O outro filho do casal, Marcos, relatou que por trabalhar fora, não tem tempo para fazer o artesanato, porém, havia se dedicado mais quando estava desempregado. Marcos nos mostrou algumas de suas peças feitas a partir de palha de bananeira e também de jornal, basicamente todas elas feitas a partir de trançados. Da mesma forma que Marcos, Maria e Joana tiveram a oportunidade de estudar, graças ao trabalho do pai, que financiou os estudos de alguns filhos (aqueles que tiveram interesse, segundo Nilza) e não se ativeram a prática artesã com afinco, apesar de Maria produzir algumas peças em seu tempo livre.

Fernando, o outro filho do casal, casou-se com Angelita. Dona Tereza ensinou a Angelita como fazer as tranças de palha de bananeira, que aperfeiçoou sua técnica, sendo a única do bairro a conseguir fazer o artesanato da forma como é feito hoje. Seu artesanato é de grande complexidade e demanda uma grande quantidade de palha de bananeira em que apenas o bananal da família não dá conta de suprir. Dessa forma, a extração da palha é feita pelo marido em terrenos próximos ou adquirido de outros produtores.

---

<sup>5</sup> Termo utilizado pelos artesãos ao se referirem ao trabalho em lugares diversos fora do ambiente doméstico.

<sup>6</sup> Serviço Nacional de Aprendizagem Rural.

Fernando, pode-se assim dizer, é um artesão informal, pois não é membro da associação, mas contribui com a esposa na produção do artesanato que é comercializado no galpão. Além de ser o responsável por extrair a fibra de bananeira, produz esteiras e é o responsável por dar acabamento as peças produzidas pela esposa, que são levadas ao fogo. Também construiu para ela um pequeno e simples atelier do lado de fora da casa para que pudessem produzir o artesanato. É lá também que fica seu tear, utilizado para a produção das esteiras de fibra de bananeira. Vale destacar que Fernando não era um grande entusiasta do artesanato no início. Porém, ao perceber que a esposa tinha grande capacidade artesã e que o artesanato poderia ajudar na renda familiar, passou não só a incentivá-la, como a ajudar com a extração da matéria prima e a produção.

Podemos notar, a partir dos fatos descritos acima, a relação que existe na transferência dos saberes proporcionados pelos pais. Os filhos de Seu João e Dona Tereza que tiveram seus estudos financiados pelo pai não se ativeram as práticas artesãs como forma de geração de renda, apesar de alguns deles ainda terem nela uma possibilidade para o que consideram como “tempo livre”. Os saberes proporcionados pelo patriarca, portanto, diz respeito a possibilidade de inserção no mercado de trabalho formal e conseqüentemente ao afastamento das práticas artesãs. Já em relação aos ensinamentos proporcionados por Dona Tereza, a partir do pioneirismo dela na visualização do artesanato como forma de geração de renda, percebemos que suas noras não só deram continuidade as práticas como as aperfeiçoaram e desenvolveram novas possibilidades, da mesma forma que Fernando passou a também desenvolvê-las com o propósito comercial. Marcos e Maria, dois de seus filhos que se direcionaram ao mercado de trabalho formal, se ativeram as práticas apenas como uma alternativa ao desemprego ou como passatempo.

Nota-se, a partir das descrições dos fatos acima, que as práticas artesãs, independente da matéria prima utilizada para tal, sempre permeou as relações de toda família e foi a responsável por direcionar a vida dos integrantes de acordo com suas aptidões e interesses. Nas páginas a seguir nos aprofundaremos na análise dessas relações, demonstrando as controvérsias e os interesses que compõem o desenvolvimento e a transferência do saber-fazer artesão dentro do núcleo familiar.

## **Trançados, interesses e controvérsias no desenvolvimento das práticas artesanais**

Conforme Rodela et. al. (2015) relata sobre São Bento do Sapucaí, a bananicultura se apresenta como uma das principais fontes de renda do local, como possibilidade de desenvolvimento socioeconômico e cultural, através do resultado que é capaz de proporcionar tanto a agricultores quanto a artesãos.

Freitas (2018) aponta que a bananicultura se consolida como possibilidade as práticas artesanais no bairro do Quilombo a partir de intervenção do SEBRAE<sup>7</sup>, no ano de 2002, e da prefeitura da cidade, a partir da criação de um espaço para comercialização e produção das peças feitas a partir da palha e da fibra de bananeira. Embora relate-se o início do século como o começo da prática artesã a partir da bananicultura no bairro, através das entrevistas realizadas com moradores do bairro e membros da associação, percebe-se que a prática artesã a partir da bananicultura tem raízes muito mais profundas, advindas do período da escravatura, e já eram produzidas e comercializadas nas ruas e em ambientes abertos muito antes das intervenções públicas e privadas. Como o nome pressupõe, o bairro possui origem Quilombola e a bananicultura como possibilidade de criação de artefatos é parte de sua cultura.

Nilza nos relatou que seu artesanato era feito a partir da palha de bananeira, mas passou a adotar a palha de milho como matéria prima principal para sua produção, a partir de curso oferecido pelo SENAR. A partir desse ponto, questionamos as intenções do SENAR ao propor o curso aos moradores do bairro, que sempre tiveram como matéria prima base para o artesanato a palha e a fibra de bananeira, extraída dos bananais ao redor. Além disso, Nilza justificou a mudança em seu fazer artesanal “porque sempre quis fazer esse tipo de artesanato”, apesar de mais adiante nos ter dito que os imãs que faz a partir da palha de milho (onde também utiliza a palha de bananeira) é seu “carro chefe”, por ser o mais comercializado. Segundo apontam Venturini e Latour (2009), são essas disputas, onde os laços sociais são desfeitos e desdobram-se as mudanças é que se constituem os melhores cenários para observar a construção da vida social.

---

<sup>7</sup> Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

A matéria prima utilizada é um ator que requer atenção. Conforme destacado por Nilza e Fernando, há hoje uma grande dificuldade em obter a palha e a fibra de bananeira pelos moradores do bairro. Ambos os atores, portanto, concordam que há um desacordo quanto a matéria prima, o que segundo Venturini (2010a; 2010b), quando isso ocorre, a noção de desacordo deve ser tomada então em um sentido mais amplo, pois os próprios atores percebem que as controvérsias não podem ser ignoradas. Segundo Nilza e Fernando, muitos dos arrendadores das terras ao redor não os tem permitido mais fazer a extração da palha de bananeira sob a justificativa de contaminação do bananal. A extração da fibra de bananeira é feita através da utilização de uma faca e ao extrair a palha de uma bananeira contaminada, ao utilizar a mesma faca para a extração em outras, a contaminação seria levada adiante, prejudicando todo o bananal. Segundo relatado por Fernando, o responsável por extrair a palha de outros bananais quando o terreno da família não é capaz de suprir a demanda, muitos arrendadores das terras não os têm permitido extrair a palha e nem mesmo comercializar. Ele apontou que algumas vezes “é obrigado” a retirar a palha sem a autorização do proprietário.

No que diz respeito ao Fernando, podemos notar uma controvérsia a respeito de seu interesse pelo fazer artesanal. Sabemos que no início da produção de sua esposa, Angelita, Fernando não era um grande entusiasta do fazer artesanal. Não sabemos ao certo o que o levou a mudar de posição em relação a isso, apesar do relatado dizer respeito ao aumento da renda familiar. Segundo sua esposa, Angelita, e também pela Nilza, a questão de gênero é um fator que afastou e ainda afasta algumas mulheres do fazer artesanal. Segundo elas, muitas mulheres sofrem resistência dos maridos quanto a produção artesanal. Angelita relata que deu curso para muitas mulheres, mas que nenhuma levou adiante, acredita ela que pela dificuldade que é produzir esse tipo de artesanato e porque muitas “não acreditam que aquilo possa dar certo e desistem”. Ao mesmo tempo, relata sobre a submissão das mulheres aos maridos, pela falta de renda e autoestima. Segundo Venturini (2010a) as controvérsias decidem e são decididas pelas relações de poder. Nilza relata que a produção artesanal proporcionou as mulheres um aumento da autoestima, através do reconhecimento e do acesso a renda que as

possibilita: o acesso a renda consequentemente reduziria a dependência em relação aos maridos.

As relações que permeiam o fazer artesanal da família e compõem a rede formada por atores humanos e não-humanos, compostas pelas controvérsias acima descritas, podem ser visualizadas através da figura abaixo.

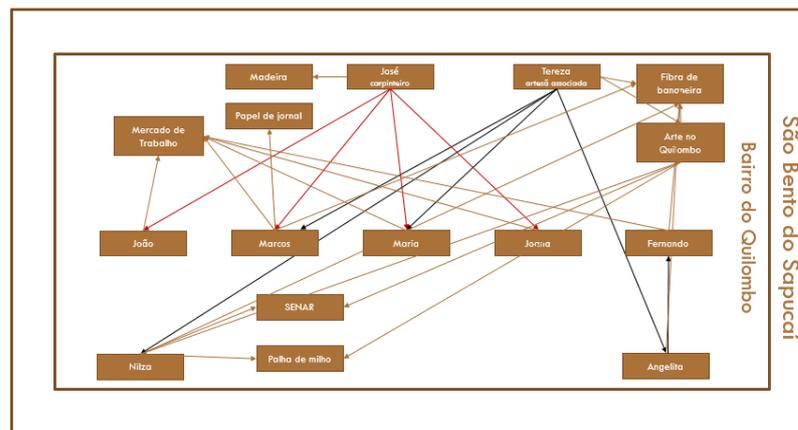


Figura 1: As relações entre atores humanos e não-humanos no contexto familiar artesão. Autor (2019).

Adiante, a partir das controvérsias aqui descritas, iremos expor a não-neutralidade no fazer artesanal, nos atendo as relações de interesses e intencionalidades que permeiam os saberes-fazer e constituem a rede.

### **O saber-fazer artesanal e os interesses constituídos: os interesses por trás do desenvolvimento do saber-fazer artesão**

Latour (2016) se utiliza dos termos “tradução” e “composição” para explicar as relações existentes entre a ciência e as humanidades e expor que o desenvolvimento da ciência e da tecnologia é repleto de interesses, o que o faz desconsiderar a possibilidade da ciência e da tecnologia serem neutras, ou seja, isentas de valores e intencionalidades.

Segundo o autor (2016, p.17), “o curso de uma ação é sempre composto por uma série de rodeios cuja interpretação, logo, define uma incompatibilidade que fornece a medida da tradução”, sendo, portanto, a tradução sempre uma fonte de ambiguidades.

Tomamos, portanto, a seguir, o exemplo do filho de Dona Tereza e Seu João, Fernando, e sua esposa Angelita, para expor estes conceitos aplicados ao desenvolvimento das práticas artesanais. Angelita casou-se com Fernando e a princípio seguia seu caminho como dona de casa. Porém, Dona Tereza tinha nas práticas artesanais uma possibilidade de geração de renda e propôs a Angelita essa nova alternativa, o que faz com que ela, a partir do interesse financeiro, desse origem a um novo curso de ação a partir do domínio do saber-fazer artesão (figura 2). O conceito de “tradução”, portanto, se caracteriza como um deslocamento, transferência ou transformação, uma nova versão do curso de ação (LATOUR, 2016). Angelita, ao considerar a nova possibilidade, automaticamente deixa de ter o tempo disponível que tinha para atuar como dona de casa. O que o autor chama de “rodeio”, portanto, pode ser considerado como um risco, visto que não se pode retomar a etapa inicial.

Fernando, que trabalhava fora e que até então não era um grande entusiasta das práticas, ao perceber a possibilidade que o saber-fazer artesão o traria a respeito da renda familiar, passa não só a incentivar a esposa como a ajuda-la na extração da matéria prima e na produção das peças. Fernando, portanto, dá origem a um novo curso de ação (tradução) a partir do interesse no aumento da renda familiar, compondo assim o desenvolvimento das práticas artesanais até o presente momento.

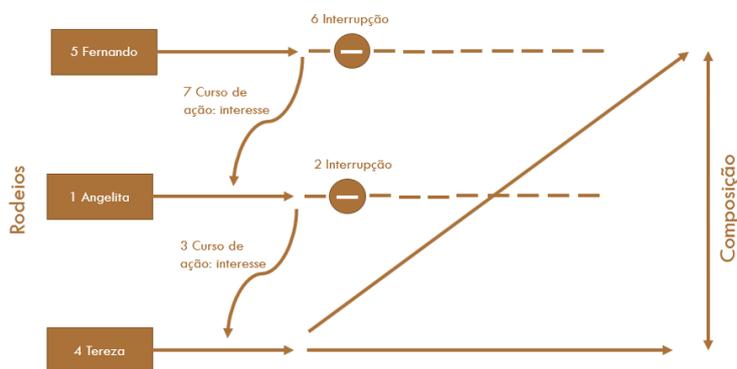


Figura 2: Composição do desenvolvimento do saber-fazer artesão de Fernando e Angelita. Adaptado de Latour (2016, p. 20).

Tomemos a seguir o caso de Nilza, a outra artesã associada. Nilza, assim como Angelita, seguia seu caminho como dona de casa enquanto seu marido João trabalhava fora. Da mesma forma que Angelita, muda seu curso de ação a partir dos ensinamentos

que Dona Tereza lhe podia proporcionar. Nilza deixa transparecer em muitos momentos que vê nas práticas artesãs algo além de um mero instrumento para geração de renda, porém, não deixa claro seus reais interesses ao iniciar as práticas. Seu curso de ação inicial, portanto, se traduz em um novo curso de ação a partir dos ensinamentos da sogra, dando origem a “composição 1” (figura 3). Adiante, a partir do curso oferecido pelo SENAR, Nilza, que havia desenvolvido a prática artesã a partir dos ensinamentos da sogra (composição 1), migra para um outro tipo de prática, sob utilização da palha de milho e não mais através da palha de bananeira, segundo ela “porque sempre quis fazer esse tipo de artesanato”. Mais uma vez não é possível apontar o real interesse que a motivou, embora, mais adiante Nilza tenha deixado claro que o artefato desenvolvido por ela a partir do curso do SENAR tenha se tornado seu “carro chefe”, por ser o mais comercializado dentre aqueles já produzidos por ela. A nova tradução, portanto, dá origem a “composição 2” (figura 3).

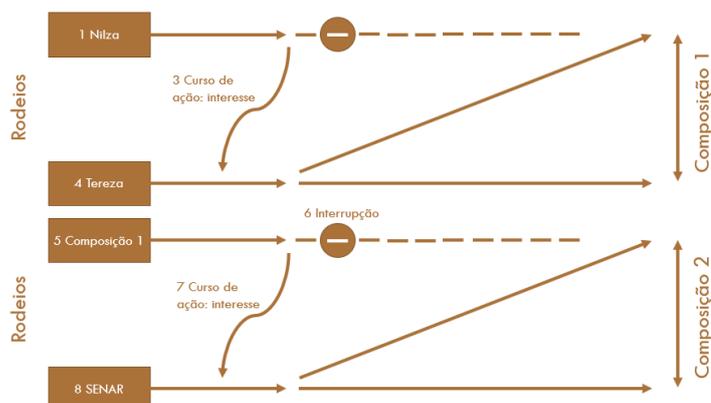


Figura 3: Composição do saber-fazer artesão de Nilza. Adaptado de Latour (2016, p. 20).

Notamos, a partir das imagens acima, portanto, que o saber-fazer artesão desenvolvido no âmbito da família do bairro do Quilombo é formado a partir de um conjunto de interesses e relações que a partir de um determinado espaço-tempo passam a se integrar. Além disso, a partir de tais considerações, é possível ter nitidez sobre a não-neutralidade no desenvolvimento das práticas artesãs assim como sua complexidade, nos permitindo visualizar que o desenvolvimento de técnicas e tecnologias é constituído de interesses diversos, de intencionalidades, controvérsias, valores culturais e simbólicos que estão representados nas mais variadas formas, na

existência de objetos técnicos e nas dimensões do humano e do não-humano, traduzidos na complexidade da experiência popular artesã.

### **Considerações Finais**

Através das falas dos entrevistados foi possível compreender os significados que o saber-fazer artesanal tem dentro do contexto familiar e, de certa forma, da comunidade em que fazem parte, deixando-se expor os mais variados sentimentos e intenções a respeito das práticas artesanais. O que permitiu atingir o objetivo proposto neste artigo, que foi o de revelar, através da investigação sobre os saberes-fazer adotados por uma família de artesãos, as relações de interesses e intencionalidades que a compõem.

A partir do objetivo proposto, reconhecemos a não-neutralidade no desenvolvimento de técnicas e tecnologias, expondo as relações de interesses e intencionalidades que a compõe e suas respectivas controvérsias que, de certa forma, são também responsáveis pelo seu desenvolvimento. A partir dessas relações expostas, podemos notar que o desenvolvimento de técnicas e tecnologias se compõem a partir de características e valores socioculturais que estão revelados desde a matéria prima utilizada a forma como os artefatos são produzidos, passando pela técnica utilizada.

A partir do pressuposto de revelar papéis e possibilidades de mudanças sociais a partir da experiência popular artesã, no que se refere a práticas e processos organizativos, entende-se que o desenvolvimento do conhecimento técnico e tecnológico, assim como a transferência dos conhecimentos, quando ocorrem no âmbito local e comunitário, e, principalmente, dentro de um âmbito familiar específico, compõe-se por representações que estão além das demandas estritamente econômicas, embora interesses econômicos também as perpassem de alguma forma. No âmbito local e familiar, o desenvolvimento de técnicas e tecnologias compõem e são compostas por interesses diversos que apontam para significados alternativos ao que determina o modelo hegemônico de desenvolvimento, que acaba por ditar modos e processos de produção de artefatos. No entanto, essas representações alternativas, na maioria das vezes expostas a partir de símbolos, traduzidos nos objetos e nas falas dos artesãos, não

devem ser entendidos como modelos contra hegemônicos a serem aplicados a outras localidades, devido as suas peculiaridades que derivam do contexto sociocultural no qual fazem parte. De certa forma, entende-se que essas manifestações, apontam, sim, para outros caminhos no que se refere a relações de trabalho, modos de vida e perspectivas sobre o desenvolvimento, por estarem vinculadas a questões que extrapolam o viés estritamente econômico, embora sua generalização deva ser tratada com cautela.

Apesar de esta pesquisa ter cumprido de forma parcial o objetivo a que se propôs, entende-se não ter sido possível captar toda a realidade local, realizando-se apenas um recorte dela, visto que as controvérsias foram apenas relatadas e não desdobradas até as suas origens. Assim, sabe-se que possui algumas limitações.

Vale ressaltar que o presente trabalho nos remete à importância de estudos sobre possibilidades, formas e concepções de trabalho que estejam vinculadas a contextos socioculturais específicos, por se entender que o desenvolvimento de técnicas e tecnologias estão no campo da cultura, podendo estar vinculadas a diretrizes sobre o desenvolvimento alheias a questões meramente econômicas, o que permite a reflexão sobre as relações, interesses e intencionalidades que compõem o desenvolvimento de técnicas, tecnologias e artefatos, refletindo sobre suas perspectivas, dilemas e significados.

### **Referências Bibliográficas**

FREITAS, P. M. A. **Como se alimentar de controvérsias**: Rastreando conexões pela perspectiva do design e artesanato de São Bento do Sapucaí - SP. Itajubá, MG: Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade. UNIFEI, 2018.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. **A vida de laboratório**: a construção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.

LATOUR, B. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria ator-rede. Bauru, SP: Edusc, 2012.

LATOUR, B. **Cogitamus: Seis cartas sobre as humanidades científicas**. Tradução Jamille Pinheiro Dias. São Paulo, 2016.

MORIN, E. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Tradução: Eliane Lisboa. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2005.

PIMENTA, C. A. M. e MELLO, A. da S. **Entre Doces, Palhas e Fibras**: experiências populares de geração de renda em cidades de pequeno porte no sul de Minas Gerais. Pernambuco: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, 2014, v. 1, n. 20.

RODELA, L. G. et al. **São Bento do Sapucaí, SP**: o artesanato como elemento integrador no desenvolvimento comunitário. Revista da micro e pequena empresa, v. 9, n. 2, p. 74-88, 2015.

VENTURINI, T. **Diving in Magma**: How To Explore Controversies with Actor-Network Theory. Paris, France: Public Understanding of Science, 2010a, vol. 19, no. 3, 258-273.

VENTURINI, T. **Building on Faults**: How To Represent Controversies with Digital Methods. Paris, France: Public Understanding of Science (under review), 2010b.

VENTURINI, T. and LATOUR, B. **The Social Fabric**: Digital Traces and Qualitative Methods. Paris, France: Futur En Seine 2009, 2009.